

# 3

## TURISMO sénior: perfis e práticas

Carminda Cavaco\*

### Resumo

O presente artigo centra-se na análise dos perfis e das práticas turísticas dos seniores, nas tendências de evolução do universo e dos seus comportamentos, nomeadamente na Europa ocidental, no reconhecimento do direito a férias e com ele, da importância das políticas de turismo social, dirigidas nomeadamente aos seniores. Aborda igualmente os destinos procurados pelos seniores e os significados das suas presenças, com destaque para a sustentabilidade dos lugares, atendendo à sua menor sazonalidade. Revela também o reconhecimento da actividade no quadro da UE, ao estreitar e aprofundar as relações entre povos do norte e do sul e ao afirmar a coesão europeia, na base do conhecimento mútuo, suportado em vivências comuns, nos tempos de trabalho e nos de lazer e férias, das elites, das classes trabalhadoras e também dos seniores pós – activos.

**Palavras-Chave:** turismo, sénior, turismo sénior, turismo social, práticas e lugares de turismo, desenvolvimento local.

\*CEG, UNIVERSIDADE DE LISBOA

## Abstract

This article focuses on the analysis of tourist profiles and practices of senior citizens, on the evolution tendencies of the universe and respective behaviours, namely in the western Europe, on the acknowledgement of the right to have holidays and the importance of social tourism politics aimed at senior citizens. The article also approaches the destinations sought by the senior citizens and the meaning of their presence, highlighting the places, sustainability taking into account their less seasonality. The next also reveals the recognition of the activity withing the UE framework since it approaches and deepens the relationships between the peoples from the north and the south and asserts European cohesion. This cohesion results from the mutual knowledge based on common experiences, work, and leisure times and holidays, the elites, the working classes and also the post - active seniors.

**Keywords:** tourism, senior, senior tourism, social tourism, practices and places of tourism, local development.

**1. Turismo sénior: de que falamos?** De *turismo*, o que significa lazeres fora dos espaços do quotidiano, deslocação prolongada no tempo, mais de 24 horas, menos de um ano, e uma nova relação com outro lugar e outro tempo. Nesta perspectiva importam muito particularmente as suas temporalidades e sazonalidades, em relação com os condicionamentos do tempo livre, com relevo para os fins de semana e as férias estivais, associadas a férias escolares, as permanências (turismo itinerante ou turismo algo sedentário), as origens e os destinos dos fluxos, distinguindo-se os domésticos, que podem ser apenas regionais, e os internacionais; importam igualmente as novas mobilidades, as flexibilidades espaciais dos transportes, em particular os autocarros de turismo, e as frequências de charters e low cost, as distâncias - tempo, as distâncias - custo e as distâncias culturais entre origens e destinos, e o encurtar das mesmas com as novas acessibilidades, e a difusão do conhecimento e da informação, largamente favorecida pelas novas tecnologias, a que acresce na UE a liberdade na passagem das fronteiras, o euro, as novas redes rodo e ferroviária, a modernização dos serviços de saúde, em particular dos hospitalares, as facilidades de comunicação por telemóvel e Internet...

Falamos igualmente de *seniores*, de um universo definido

na base da idade, uma idade pós - adulta, o que pressupõe um limite etário inferior para lá de adulto, novas situações perante a família e problemas específicos, de envelhecimento biológico, decrepitude, doença, imobilidade, insegurança; mas pressupõe também a condição pós-activa, o fim do ciclo produtivo, o apagar dos vínculos profissionais, que arrasta o sentido de inutilidade social, isolamento e marginalização, novas rotinas, perda da noção do tempo, não mais ritmado pelo trabalho mas um tempo contínuo e vazio, de dias sempre iguais, que passam lentamente, de noites que não findam, e de anos que voam.

Não é certamente por acaso que nas salas de bingo, como no conjunto dos jogos de fortuna e azar - bingo, máquinas, totoloto e euro milhões - dominam os reformados: procuram matar o tempo e alimentam a ilusão de juntar algum dinheiro à reforma, mesmo se os prémios são modestos; muitos outros passam tardes a jogar cartas com parceiros habituais da vizinhança nas praças públicas das vilas e aldeias ou nos centros de convívio da terceira idade; alguns fazem-no no bingo do clube local, no quadro de jogos clandestinos. Tempos de entretenimento a desviar para actividades de lazer mais enriquecedoras, mais dinâmicas, mais socializantes, mais estimulantes da autoestima, e pelo menos em parte, também para viagens e turismo...

Os seniores formam um universo de limites subjectivos e pouco precisos, que se avoluma com o envelhecimento das populações, nomeadamente nos países que são os grandes emissores de turismo internacional, os do mundo ocidental, e que vem merecendo a atenção internacional e em particular da UE desde 1993, ano europeu das pessoas idosas e da solidariedade entre gerações. Um universo heterogéneo quanto a idades, já que incorpora muitos idosos novos, de menos de 60 ou 65 anos e também muitos da 4<sup>o</sup> idade, os muito idosos, com mais de 75 ou de 80 anos (idosos jovens, idosos e idosos velhos e idosos muito velhos). Um universo heterogéneo também quanto a níveis de actividade, tempo livre e rendimento disponível: por um lado, a delimitação do ciclo produtivo não é necessariamente total, em muitos casos faz-se com continuidade de trabalho informal, trabalho a tempo parcial, e não apenas entre os trabalhadores independentes e os rurais; por outro, há a considerar muitas situações de reformas antecipadas, com saída definitiva da vida activa, sem prejuízo do direito a auferir uma prestação de reforma, embora cada vez mais limitada.

Os seniores dispõem de novos tempos livres, potencialmente de lazer e de turismo: ausência de constrangimentos profissionais ou familiares; disponibilidade de meios, pela generalização de pensões de reforma, acumuláveis com outros rendimentos, mesmo rendimentos de trabalho no caso de seniores activos; abertura a consumismos de prazer e a novas experiências, quando a vida parece caminhar apressadamente para o seu fim. O turismo ganha uma redobrada importância, assegurando um novo sentido para os seus dias: evita a retracção dos contactos sociais e dos espaços de vida, desenvolve novas redes de encontros, relações, solidariedades, em particular entre os seniores com reformas antecipadas. Os seniores de hoje beneficiam de importantes mudanças societárias que potencializam a sua condição de turistas, em que relevamos: as novas condições de vida familiar, com maior liberdade e independência de gerações; a não obrigação de assumir responsabilidades no cuidar da família em férias, em particular para as mulheres viúvas e sós; a crescente autonomia, mesmo das mulheres que sempre foram domésticas; a menor responsabilização e comprometimento com os orçamentos familiares da segunda geração e a menor preocupação com poupança e investimento em patrimónios para os herdeiros.

Os seniores pesam cada vez mais nos fluxos turísticos domésticos e internacionais, muito embora se constate que as taxas de partida de férias tendem a diminuir com a idade e penalizam os mais velhos. Valoriza-se o turismo como factor de desenvolvimento integral do homem, reconhece-se o direito ao lazer e ao turismo, o turismo como instrumento de integração social, de acesso à cultura e à comunicação com os outros, o turismo para todos, a democratização do turismo. Perante a persistência de elevados níveis de pobreza e exclusão social, mesmo nas sociedades ocidentais mais desenvolvidas, que arrastam dificuldades de acesso ao turismo, promovem-se programas de turismo social que, a par de outras medidas de inclusão, tornam possível a prática turística por parte da população dos escalões socioeconómicos inferiores, e em particular dos seniores. Ao nível da UE, 2007 foi promovido como o ano europeu da igualdade de oportunidades para todos: igualdade necessariamente alargada a viagens de lazer e estadas de férias fora dos lugares do quotidiano, mesmo se 16 por cento da população da UE vive abaixo do limiar da pobreza.

**2. Segmentação do mercado turístico e diferenciação do segmento sénior.** Terá sentido uma classificação dos consumidores - tipo por gerações, o que pressupõe a modificação das motivações e práticas ao longo do ciclo de vida, nomeadamente das práticas de lazer e turismo, e a afirmação de procuras algo homogéneas por grupos de idades? Constituem os seniores um *segmento de mercado*, entendido como um conjunto de turistas com uma necessidade/motivação específica/principal, a que se proporciona um conjunto de experiências (SaeR, 2005, p 595 e seguintes)? Ou, para se compreenderem os padrões individuais de lazeres e de viagens dever-se-á, pelo contrário, privilegiar a combinação do efeito idade com as estruturas familiares, a actividade profissional e os rendimentos?

Retomemos a classificação apresentada pela SaeR (obra cit., p. 591-593), com distinção de segmentos geracionais genéricos e subsegmentos mais específicos, mas sem barreiras estanques.

*Jovens.* Distinguem-se os *jovens dependentes*, com idades até 14 anos, não consumidores independentes de produtos e serviços turísticos, embora possam influir nas decisões e nas escolhas de algumas componentes da experiência turística; e os *singles ou jovens independentes*, dos 14 aos 24 anos, com ou sem rendimentos próprios, papel importante nas escolhas, individuais ou em família, que gastam o dinheiro em comida, roupa e entretenimento, muito ligados a Internet (prática de turismo virtual) e a viagens, mas pouco exigentes quanto a níveis de serviços.

*DINKS, duplo rendimento e sem filhos* (double income, no kids): casais sem filhos, de 25-45 anos, que trabalham muito e auferem duplo salário, influenciados pelas marcas como o grupo anterior, dispostos a pagar pelos produtos que desejam, incluindo os turísticos.

*Famílias com filhos:* segmento de 35 aos 54 anos, que desenvolve muito trabalho e auferem altos rendimentos, letrado (cada vez mais), portador de valores ambientais, económicos, sociais e políticos, nostálgico, e que valoriza o aproveitamento dos seus tempos livres; há diferenças entre famílias jovens com filhos e famílias estabelecidas com filhos, pelo nível de rendimento médio e o grau de influência dos filhos na tomada de decisão e na vivência da experiência turística, nas opções e nos quotidianos das férias.

*Empty Nesters:* famílias de 45-64 anos, em que os filhos já saíram de casa; dispõem de altos rendimentos e poder

de compra reforçado com a independência dos filhos; têm tendência para gastar cada vez mais, em conformidade com a confiança nos níveis das futuras reformas; buscam no turismo a recompensa de uma vida de trabalho, mas também a oportunidade de cuidados específicos de saúde e bem-estar, de manutenção de boa forma física e psicológica...

*Seniores.* Neste segmento distingue-se, por um lado, os *YAS, Young Active Seniors*, adultos de 55-64 anos, saudáveis e activos, que em termos de turismo são experientes, informados e exigentes quanto à qualidade dos serviços prestados, e procuram ofertas personalizadas, embora caras, e actividades algo sedentárias. Na Europa este segmento e os *empty nesters* representavam em conjunto 11% dos turistas consumidores em 2000 e representarão 13 % em 2025. Por outro lado, os *Seniores com 65 e + anos*: poucos desenvolvem actividades profissionais remuneradas; acusam perdas de rendimento com a passagem a reformados; dispõem de muito tempo livre, para férias mais longas em destinos mais distantes; são menos idosos em termos de idade psicológica do que biológica, o que tem reflexos na aquisição de produtos e serviços turísticos, embora prefiram férias algo sedentárias; o volume deste grupo cresce com a esperança de vida, mas aumentam paralelamente as suas fragilidades biológicas e com elas as necessidades de cuidados de saúde. Na Europa este segmento representava 15% dos turistas consumidores em 2000 e representará 22 % em 2025. No total dos *empty nesters, yas e seniors*, todos com 55 e + anos, passar-se-á de 26% no início do século para 35% em 2025.

Por sua vez, Carlos Ferreira (2004, p.363 e seguintes), no seu estudo acerca da procura de turismo sénior internacional que se dirige ao Algarve, distingue 4 sub - segmentos, mais ou menos presentes ao longo do ano:

1. «*novo*» *turista sénior*: seniores mais novos, mais instruídos e mais activos, com maior fragmentação dos períodos de férias, maior diversificação dos destinos de viagem e maior proporção de solteiros e divorciados;

2. *turista sénior estereótipo*: idade média mais elevada, menor autonomia, significativa proporção de viúvas, viagens na companhia de amigos, menor nível de instrução e rendimento, valorização dos preços nas escolhas dos destinos e no formato das viagens internacionais, viagens nas estações intermédias, fidelização aos destinos;

3. *turista sénior endinheirado*: turistas recentemente reformados, com grande disponibilidade de tempo e

de rendimentos, sem compromissos familiares, com boa condição física e manifesta propensão para viajar, predominantemente na meia estação;

4. *jovem sénior veraneante*: seniores de menor idade, dos 55 aos 64 anos, com preferência para a realização de férias durante o Verão e em família, já que com agregados familiares multi - geracionais, e em apartamento; muitos ainda são activos e gozam de grande disponibilidade financeira.

Assim sendo, para a época baixa, de Novembro a Março, o autor que citamos contrapõe ao perfil estereotipado dominante uma proporção significativa de turistas seniores com um perfil individual e de viagem substancialmente diferente, renovado, e que reproduz dinâmicas demográficas e sociais emergentes, bem como uma nova cultura turística (2004, p. 370); nos meses de transição a composição é mais diversificada e repartida pelos vários perfis, mas com forte presença do «novo» turista sénior, a par de alguns turistas seniores com grande autonomia familiar e financeira e de turistas seniores mais jovens, respectivamente dos grupos 3 e 4, que são turistas mais qualificados, dinâmicos e consumistas; na época alta dominam os turistas seniores estereótipos e os jovens seniores veraneantes, os primeiros de idade mais avançada, acompanhados por familiares mais jovens, filhos ou netos, ou integrados em grupos, no seguimento de ofertas a preços baixos e a distâncias alargadas através dos charters e sobretudo das *low cost*, embora permaneçam largamente continentais, e preferencialmente durante os meses de Junho e Setembro, em alternativa ao turismo doméstico (idem, p.368 e 369).

Noutros estudos (Itacaré, 2015, p. 42-46) secundarizam-se as idades e valorizam-se as novas tendências comportamentais quanto ao consumo da generalidade das pessoas, que se manifestam com diferentes intensidades nas diferentes regiões emissoras de turismo. Nas tendências mais abrangentes, com expressão no modo com é encarado o papel das férias, como são escolhidos os destinos e como são organizadas as viagens, destacam:

- a consolidação de uma sociedade informacional e conectada em redes pelas quais flúem mercadorias, pessoas, informações, cultura e experiências;
- a terciarização das actividades, e entre elas as de entretenimento, lazer e turismo;
- a difusão da informática e das telecomunicações, com intensificação dos processos de interacção e integ-

ração, o que possibilita a prestação de serviços mais personalizados;

- a dominância de consumidores cada vez mais informados e críticos e cada vez mais pressionados pelo marketing das ofertas turísticas, necessariamente transparente e consistente, precisando os seus diferenciais e explorando as aberturas dos filtros pessoais de selecção das mensagens a que se presta atenção através de abordagens criativas e inovadoras;
- o cultivo de estilos de vida originais, traduzidos em padrões de consumo diversos, na busca de atenção personalizada, de hospitalidade e profissionalismo, cordialidade e conhecimento, e também na busca de comunidades, na valorização de heranças culturais locais, de tradições, do artesanato, das festas;
- a integração em grupos, contra o individualismo da vida profissional;
- a sensibilidade a questões de sustentabilidade e de ética, aos próprios impactos do turismo em termos ambientais e culturais e ao envolvimento da comunidade no processo de desenvolvimento turístico local;
- a simplificação dos modos de vida, em particular enquanto turistas, mas igualmente quanto aos próprios objectivos pessoais e profissionais;
- sensibilidade aos usos do tempo, com vidas mais activas e desafiantes, e valorização de destinos e épocas de férias com públicos realmente jovens;
- cultivo de vidas mais saudáveis, com valorização do bem – estar do corpo e da mente, busca de actividades e consumos pouco compatíveis com os quotidianos e pouco acessíveis nos lugares de residência habitual (esforço físico, relaxamento, tratamentos naturais, alimentação biológica e sobretudo vegetal);
- afirmação da espiritualidade, busca de sentido para as coisas, e valorização de experiências de reflexão e meditação;
- quebras repetida de rotinas, *short breaks*, viagens curtas mas com muito valor agregado, pequenos deleites, e mesmo algum luxo;
- experiências diferenciadas, actividades pouco convencionais e com algum risco, como desportos menos comuns, mesmo radicais, locais isolados e inseguros, acolhimento nas comunidades, envolvimento voluntário em projectos ambientais e sociais nos destinos;
- procura de espaços que proporcionem tranquilidade,

reflexão, paz, segurança, sem riscos de terrorismo nem de desastres ambientais...

Estas tendências gerais traduzem-se na fragmentação do mercado, com segmentos da procura com necessidades diferenciadas e específicas quanto a práticas turísticas, em que se cruzam níveis socio-económicos («top», eco, lazer) e amplitudes das correspondentes migrações turísticas (internacional, nacional e regional).

O *grupo do topo*, pouco numeroso mas diferenciador e prestigiante do destino, de alto poder aquisitivo, elevado grau de exigências quanto à qualidade, autenticidade e especificidade da experiência e aos padrões de sustentabilidade e de diferenciação, e pouco sensível às mudanças económicas das regiões de partida, busca exclusividade, que pode traduzir-se na procura de pequenos resort de luxo, na base de unidades de alojamento separadas e com piscina privativa, de hotéis de charme mas com jardins, piscina, campo de ténis, ginásio e spa, cozinha de autor e cozinha regional, e mesmo de cruzeiros marítimos de renome. São turistas que vêm de longe, viajam com a família, não em grupos guiados e numerosos, afastam-se das multidões, alojam-se em hotéis e resorts de elevado nível, valorizam férias activas e enriquecedoras (golfe, equitação, ténis, desportos aquáticos, como pesca, mergulho, observação de baleias ou de pássaros, safaris fotográficos); turistas que permanecem alguns dias e multiplicam os *short breaks*; turistas mais os menos jovens e que valorizam as ofertas dos spas e o relaxamento, o lazer e o entretenimento, a gastronomia, a segurança, e que fazem compras variadas; na escolha dos destinos estes turistas atendem às recomendações de familiares e amigos, das revistas da especialidade, da Internet...

O *segmento Eco*, no geral ainda jovem, na idade ou no espírito, com bom nível de educação e rendimento, viaja em pequenos grupos, valoriza os ambientes naturais e o contacto, e mais ainda a integração, com as comunidades locais, tem elevado nível de exigência quanto à experiência turística, mas sem secundarizar o conforto e a segurança. Turistas muito críticos quanto à forma como é conduzida a actividade, em particular no que concerne à sustentabilidade da natureza e da cultura local: nas suas práticas releva-se a descoberta e observação da natureza, uma natureza conservada, com a sua fauna e flora, a das paisagens, dos povoados, dos quotidianos das populações, sempre enquadrados por guias experientes, especializados e preferencialmente

membros das comunidades locais, garantes de experiências autênticas. Os eco turistas independentes são mais jovens, dispõem de menos recursos e são mais ousados, incluindo nas suas práticas muitos desportos de aventura, enquanto os ecoturistas dependentes tem mais idade, maior estabilidade profissional e maior nível de rendimentos, por vezes também maior nível cultural, e dão preferência a actividades mais leves, ao contacto com a cultura local, a experiências diversas e autênticas, a baixas frequências e densidades turísticas e com elas, impactos limitados (gestão de impactos em ambientes frágeis). Muitas vezes, as valências eco combinam-se com outras, como desporto, aventura, etnografia, gastronomia, património e cultura, e até mesmo sol e praia.

No *segmento de lazer* são incluídos os turistas da classe média e média baixa, fugindo aos ambientes urbanos e às rotinas do trabalho, famílias com filhos em idade escolar, em busca de tranquilidade e descanso, de sol e praia, de espaços e de liberdade, de convívio, animação e vida nocturna, de lazer e entretenimento, de ambientes naturais agradáveis propícios a pequenos passeios ou à simples contemplação das paisagens enquadrantes dos destinos, no geral paisagens humanizadas, culturais e não naturais. Mas também os turistas em busca de descoberta de outros mundos, turistas menos jovens e sem descendentes a cargo, turistas aposentados e com restrições económicas. Uns partem em viagens de conta própria e âmbito nacional e regional, outros em viagens organizadas (circuitos e grupos) e internacionais. São turistas muito sensíveis aos preços, que se podem revelar mais determinantes das opções de destino do que as características dos mesmos, desde que estes compreendam cidades patrimoniais e praias, o que acentua a tendência de concentração, massificação e sazonalidade (ao longo do ano, mas também da semana, com máximos estacionais e nos fins de semana), pelo simples jogo dos tempos livres, das acessibilidades e das economias de escala traduzidas nos preços (equipamentos, infraestruturas, acessibilidades...). A esta procura junta-se a do excursionismo, predominantemente regional, também ela muito concentrada no tempo e nos destinos.

**3. Especificidades das práticas turísticas dos seniores.** Qual a postura dominante da população idosa perante as actividades de lazer fora do âmbito residencial, doméstico, quotidiano? Em que medida os seniores tendem

a desenvolver novas práticas turísticas ou a prolongar as anteriores, sucedendo-se gerações de seniores com diferentes dominantes de práticas de turismo ao longo das suas vidas?

Os seniores fazem parte da actual sociedade do consumo e do lazer, desenvolvida no seguimento da melhoria dos rendimentos disponíveis e do aumento dos tempos livres, em particular das férias pagas, muito embora só uma pequena parcela da Humanidade faça e fará turismo a médio prazo, nomeadamente fora do seu país de residência; muitos fazem apenas turismo interno, e por certo a grande massa dos fluxos turísticos internos continua a integrar-se na rubrica «visita a familiares e amigos»; incluem-se nestes fluxos domésticos os retornos às regiões de origem, no seguimento de êxodos e emigrações, sobretudo quando valorizadas por turismo residencial ou simplesmente pela posse de residências secundárias, no seguimento de heranças patrimoniais.

Trata-se de uma sociedade dominada por modos de vida urbanos e ritmos de vida complexos e estressantes e marcada em termos de turismo, pela grande diversificação dos tempos, das práticas e dos destinos, valorização de novos credos, com expressão na transformação dos valores e dos comportamentos de consumo, a favor do turismo cultural, do turismo verde, do ecoturismo, do turismo ético, os turismos ditos alternativos, com preocupações de desenvolvimento sustentável e relações solidárias, justas. Mas também, continuidade e prevalência da procura dos destinos de carácter urbano, e em particular dos lugares de turismo criados pelo próprio turismo, lugares de encontro de outros turistas: importância do ver e ser visto; disponibilidade para contactos com o Outro, mesmo se superficiais. Ao mesmo tempo, sociedades emissoras dominadas pelas novas mobilidades, multi-residências, férias fragmentadas, multiplicação das partidas de férias e de fins-de-semana, com recurso a alojamento comercial, a residências secundárias, a residências de férias ou a casas de familiares e amigos, prática de espaços alargados e acumulação pessoal de experiências turísticas. Em suma, uma melhor repartição anual das férias, férias de Inverno no hemisfério sul para os turistas residentes no hemisfério norte e inversamente, e mesmo férias irregulares, de geometria variável: irregulares quanto a duração, época do ano, orçamento, e até anos de férias e de não férias, etc.

No seu segmento dos seniores sobressai: uma certa

aidez de consumo de lazeres e de viagens, mesmo se as taxas de partida dos vários escalões seniores não são necessariamente as mesmas, por razões económicas, culturais e de prática turística, e também biológicas; alguns seniores são turistas sem prática turística anterior, apenas vilegiatura nas terras de origem, excursionismo para festas religiosas e romarias ou feiras, enquanto outros seniores são turistas muito experientes, sociáveis, com capacidade de integração em grupos, gosto de convívio, e que buscam um pouco de aventura, ilusão, sonho e alguma felicidade, talvez mesmo uma última oportunidade de a sentirem.

Não obstante um certo rejuvenescimento nos valores e nas práticas, os seniores são no geral turistas pouco abertos a inovação, que não valorizam a aventura por lugares fora do seu mundo cultural, tradicionalistas e conservadores, também fiéis a uma fórmula de viagem, identificada por um tipo de deslocação e alojamento, uma motivação temática, o envolvimento de amizade de companheiros de viagem e identificação social, no fundo bem mais psicocêntricos que aloccêntricos. São turistas com ritmos lentos, compassados, sem grande esforço físico, mesmo no caso de prática de desporto; turistas que caminham, valorizam estadas despreocupadas e programas de ocupação variados, mesmo de simples entretenimento, sobretudo quando pessoas sós, em busca de companhia, convívio, animação, de mais mundo e mais gente, de outros turistas e de não turistas; turistas que valorizam estadas prolongadas e vivências próprias nos locais de destino, contactos com as suas comunidades, descoberta do património local, histórico, religioso, artístico, cultural, etnográfico.

Os seus comportamentos tendem a ser pouco consumistas e muito sensíveis aos preços, logo às promoções, até pela tendência de degradação geral do poder de compra, no seguimento da perda de rendimento e dos valores das reformas e da redução dos benefícios e dos cuidados de saúde e segurança social. Não obstante, o seu nível de exigência quanto à qualidade da oferta é crescente, já que informados, com experiências turísticas múltiplas e variadas: instalações, serviços, ambiente, conforto, segurança, condições de estacionamento, acessibilidades, tanto mais quanto maiores forem as suas limitações físicas e de independência. Muitos circulam em automóvel próprio ou alugado, elemento importante da sua mobilidade no destino, muitos outros integram-se em excursões organizadas através da região de acolhimento.

Lembremos que a prática turística em geral, se integra: no descanso, repouso, relaxamento, recuperação de forças físicas e de forças mentais, saúde do corpo e do espírito, evasão; na descoberta; ou no jogo, em sentido lato, que passa pela imitação, faz de conta, ou pelo desporto, através do desafio pessoal e com o Outro, jogo também num universo de sonho e das fantasias...E que a heterogeneidade das práticas turísticas, em sociedades cada vez mais «sociedades – mosaico», também tem expressão entre os seniores, mesmo se em menor escala de diversificação e com menor amplitude espacial. As motivações centrais das suas decisões de partir em férias vão desde cuidados de saúde com tratamentos de prevenção e cura de certas doenças, busca de bem-estar físico através do repouso e de algum exercício, busca de bem-estar psicológico, auto estima, realização pessoal e afirmação social, à quebra de rotina e isolamento, mudança de ambiente, mais qualidade de vida, passando pela recreação, distracção, animação e entretenimento, também pela descoberta e conhecimento de outros lugares, outras paisagens, outras comunidades locais, com seus saberes e tradições...

Com o envelhecimento constata-se o reforço das viagens organizadas e em grupo e das permanências em torno da componente de saúde e bem-estar, em particular da associada ao termalismo e aos espaços rurais. Acresce também uma forte sensibilidade ao tempo meteorológico, um tempo sem excessos (preferência pelos equinócios), às distâncias, com o peso crescente das limitações biológicas quanto a mobilidade, à proximidade cultural, mesmo se são turistas mais experientes, instruídos e cultos, embora não necessariamente mais ricos.

**4. Turismo sénior, turismo de massa?** Quando consideramos as formas de viajar dos seniores, destacam-se algumas dominantes: recusa da condução de automóvel, sobretudo a média e longa distância; valorização das viagens organizadas e enquadradas, em particular entre os que apresentam vulnerabilidades físicas, mesmo algumas limitações em termos de saúde, o que se ressentem nos cuidados com a bagagem ou nas permanências em filas e percursos longos e complexos nos aeroportos internacionais; apreço pela comodidade de serem cuidados e servidos, nos mais diversos campos, pelo menos nas férias, que são também uma oportunidade de terem assegurados os serviços básicos do quotidiano, por preços comportáveis;

forte sensibilidade às condições de segurança, pela idade, pela condição de estar sós, pela novas inseguranças do mundo de hoje, o que também favorece a preferência por viagens programadas, organizadas e enquadradas, em grupos de alguma dimensão; otimização dos custos, na base de pacotes com tudo incluído, mesmo se os seniores valorizam muito o conforto, o sentir-se bem, a acessibilidade a serviços de saúde, a animação, o entretenimento, a possibilidade de fazer compras e de fazer algo de útil; viagens com ritmos ajustados às suas capacidades físicas e preenchidas com componentes culturais em sentido muito lato, incluindo componentes patrimoniais, também elas encaradas numa perspectiva bastante alargado; escolha de unidades de acolhimento dotadas de ambientes e áreas sociais agradáveis, de encontro, como sucede com os hotéis mobilizados pela oferta de turismo de massa, no geral também com alguns equipamentos ao ar livre (piscinas, campos de ténis, mais raramente de equitação e de golfe, etc.); circuitos privilegiando destinos urbanos, na medida em que as cidades dispõem de ofertas culturais múltiplas e enriquecedoras, nomeadamente cidades médias, hospitaleiras, com ambientes de qualidade; repetição de viagens de turismo através de curtas estadas e *citybreaks*, como evolução do excursionismo, e destinos acessíveis em poucas horas mas que asseguram afastamento do quotidiano e evasão; viagens sobretudo de autocarros, *charters* e *low cost*, mais económicas, em muitos casos porque são turistas com pouco dinheiro, noutros porque sentem que tem menos dinheiro do que no passado.

Entretanto, também se manifestam comportamentos contrários à massificação, no turismo dos seniores como no turismo em geral, em que destacamos: muitos turistas seniores não gostam de ser tidos como seniores e não aceitam pacotes tudo programado, sem lugar para a iniciativa pessoal, preferindo deslocar-se individualmente, com a família ou com amigos; a melhoria geral da saúde não obstante a idade, o alargamento do conhecimento do mundo e da sua gente, a acumulação ao longo da vida de experiências espaciais, turísticas e não turísticas, permitem uma maior independência pessoal, confiança, segurança e mobilidade e favorecem a afirmação do individualismo; níveis crescentes de instrução e cultura, domínio de outras línguas, novas sensibilidades antropológicas, etnográficas e ambientais e novas paixões pela natureza e pelas paisagens, também reafirmam entre os seniores os desejos de liberdade

de movimentos, sem peias de qualquer natureza...

Alguns seniores continuam a privilegiar viagens e destinos exclusivos, que favorecem os desejos de evasão, descoberta, vida social, convivalidade, e asseguram prestígio, reconhecimento, entre uma classe média alta e até mesmo entre um grupo com afinidades culturais. Alguns outros refugiam-se no turismo de cruzeiros: no passado, viagens demoradas, num mundo fechado sobre si e com fortes exigências sociais, reservadas a uma elite; actualmente, viagens também mais curtas, mais económicas, bem menos sofisticadas, com frequências etárias mais variadas, viagens mais temáticas, com desembarques múltiplos. Nos EUA e na segunda metade dos anos 90 do passado século, o mercado turístico sénior representava 65 por cento do mercado de cruzeiros (cit. C. Ferreira, 2004, p. 194).

**5. Seniores e turismo social.** O envelhecimento gera novos desafios, ao agravar as desigualdades sociais. Nuns casos, envelhecimento com aumento do poder de compra, na continuação de sistemas generosos de pensões e protecção social combinados com outros rendimentos e não encargos com compra de casa ou com os filhos, o que permite que os seniores sejam bons consumidores de cultura, lazer, cuidados de saúde e turismo, e mesmo de tecnologia de informação. Noutros casos, envelhecimento com um certo empobrecimento, sempre que as reformas são inferiores aos rendimentos da idade activa, sobretudo em situações de uma só reforma, de pensionistas sem outros rendimentos e com problemas de saúde e isolamento em áreas rurais, que acarretam despesas. Quase sempre, fortes desigualdades na repartição de rendimentos entre os seniores, no seguimento da diversidade de padrões de emprego enquanto activos e de níveis subsequentes de reforma, mas agravadas em contexto de diferenciação do período de vida activa e de alterações dos regimes de pensões, com reforço das assimetrias sociais e afastamento dos extremos.

Por todo o mundo ocidental, a população sénior, os velhos, a terceira idade, têm vindo a ganhar peso crescente e com ele, visibilidade económica, política e social. A senioridade sustenta a génese de novas políticas específicas, em que imperam preocupações de valorização e promoção da qualidade de vida dos idosos, da sua condição de cidadãos. Ao mesmo tempo, as sociedades desenvolvidas e democráticas, reconhecem as férias e o turismo como um direito de todos,

sem lugar para exclusões, nem mesmo dos seniores pós - activos e pobres, a que importa proporcionar oportunidades de lazer e turismo de outro modo inacessíveis: população fora do mercado de trabalho, com demasiado tempo livre, no sentido de tempo vazio, mas sem o necessário mínimo de capital económico, e também cultural.

Muitas juntas de freguesia, urbanas e rurais, organizam viagens de lazer dirigidas às populações menos jovens, umas com carácter de turismo, outras apenas de excursionismo. Por exemplo, em 2007, a Junta de freguesia do Lumiar organizou excursões de um dia a Castelo de Vide, Marvão e Mérida, esta como actividade extracurricular da Universidade da Terceira Idade do Lumiar; e férias seniores na Madeira, com pernoita em hotel de 4+, em regime de pensão completa, com inclusão de passeios pela cidade e pela ilha, jantar típico e «bailinho, convívio e animação». Ao mesmo tempo, a Junta de freguesia de Carnide promoveu para os seus seniores, viagens e circuitos pelo Brasil, passeios a Vila Viçosa, actividades locais de cultura, aprendizagem, lazer e convívio, e programou para 2008 estadas em Londres e na Madeira e um cruzeiro pela barragem de Alqueva...

Tendo em conta as limitações económicas dos seniores, são desenvolvidos programas de natureza eminentemente social, no seguimento do turismo social, tipologia de turismo que tem como grande objectivo a igualdade de oportunidades de férias, de se ser turista, quaisquer que sejam os rendimentos familiares. Programas dirigidos a turistas sem experiência turística anterior, para muitos a primeira estada numa unidade hoteleira e o primeiro período de férias fora da residência habitual e de casas de familiares e amigos. Viagens e estadas em grupo, com acompanhamento e segurança, num ambiente amigável e familiar, socializante, de convívio saudável, de partilha de memórias e de projectos de futuro, com aumento da auto estima individual, benefícios para a saúde física e mental e o bem-estar dos participantes idosos.

Nuns casos são oficialmente subsidiados a construção, a manutenção e o funcionamento dos equipamentos de apoio, sobretudo as unidades de acolhimento, com expressão nos custos finais da oferta, dessa forma reduzidos, qualquer que seja o consumidor. Noutros introduz-se uma discriminação positiva nos preços: os utentes com níveis de rendimentos predominantemente baixos pagam preços também baixos, enquanto os dos escalões de rendimentos mais elevados suportam preços próximos dos de mercado; através deste

último sistema viabiliza-se o acesso ao turismo de certos segmentos de seniores numa lógica de mistura e inclusão social, e que pode envolver turistas com incapacidades várias.

**6. As ofertas de turismo social do INATEL** A oferta de turismo social dirigida ais seniores apresenta-se diversa: turismo apenas doméstico ou também internacional; programas de âmbito nacional ou apenas regional e local; programas de iniciativa pública ou social. Nela se incluem os programas de *turismo sénior e saúde e termalismo sénior*, de âmbito nacional, organizados pelo INATEL (Instituto Nacional para o Aproveitamento do Tempo Livre dos Trabalhadores, instituto público, sucessor da FNAT, Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, que remonta a 1935), desde meados anos 90 e promovidos pelos Ministérios do Emprego e da Segurança Social e do Comércio/Economia e Turismo. Nos programas de turismo sénior, mas também nos de saúde e termalismo sénior, podem integrar-se portugueses residentes nas Américas, África e Ásia – Pacífico em visita a Portugal e suas famílias, no quadro do programa sénior Portugal no Coração, já com dez anos.

Nestes programas de turismo sénior, os preços variam com os rendimentos dos participantes, comprovados através da declaração do IRS (4 escalões); os beneficiários são cidadãos portugueses de 60 e + anos e seus cônjuges, qualquer que seja a sua idade e nacionalidade; no caso de solteiros, viúvos ou divorciados necessitando de apoio, é permitido o acompanhamento por um adulto de 18 e + anos e menos de 60 anos, desde que seja apresentado documento comprovativo da dependência; as estadas são de 8 dias (7 noites), o alojamento decorre nos estabelecimentos do INATEL e em hotéis de 3\*, mais raramente 2\*, sendo o regime de pensão completa; o transporte é feito de autocarro; garante-se o acompanhamento permanente por um animador sócio-cultural; estão previstas a participação em actividades de carácter cultural e recreativo, bem como passeios com duração de meio dia, refeição gastronómica com animação regional ou noite de gala, e serviço de bagageiro autocarro - hotel nos dias da partida e regresso; é garantido seguro de acidentes pessoais; permite-se alguma flexibilização na alimentação e nas actividades de animação e descoberta.

Os custos globais dos programas são reduzidos, na base de grande controlo dos mesmos e negociação de preços

com os fornecedores, pela qualidade média dos serviços prestados, pelas economias de escala e pelas épocas: programas para as estações intermédias a baixas, o que facilita a negociação dos preços, nomeadamente com as unidades hoteleiras menos sofisticadas, na medida em que constituem uma possibilidade de elevar as suas taxas de ocupação e de suportar os custos de funcionamento e o emprego, contrariando a sazonalidade da procura nacional, associada em larga medida a férias escolares e estivais (duração do período diurno); programas que se difundem pelas várias regiões do país e se alarguem à Costa del Sol e à Galiza, em Espanha; programas que envolvem a participação da hotelaria, agências de viagens, estâncias termais, restauração, grupos de animação e até mesmo casinos; programas que criam um mercado de outra forma inexistente, incentivam ao consumo, dinamizam a economia e o emprego, em particular potencializam a viabilidade das PME locais, prestadoras dos serviços de turismo, directos e indirectos, e os territórios de destino; e que também favorecem a conservação da cultura local, mais ou menos popular.

Nos programas Saúde e Termalismo Sénior, os objectivos são mais específicos, menos lazer e mais saúde e qualidade de vida, as estadas são mais longas e ajustadas às terapias termais (15 dias, 14 noites), sempre com prescrição médica, e os destinos condicionados pela existência de balneários e águas com as valências terapêuticas pretendidas. Abrangem alojamento e alimentação, em regime de pensão completa, tratamentos termais básicos, acompanhamento por médico do balneário e relatório de avaliação final, da sua responsabilidade: os custos das deslocações de ida e retorno ficam por conta dos beneficiários. São admitidos pensionistas de 60 e + anos, acompanhados dos cônjuges ou de pessoas com quem convivem como casal, mesmo se não pensionistas. Como vem sucedendo com o turismo sénior, perspectiva-se o alargamento espacial destes fluxos a Espanha, através de intercâmbio. Com estes programas incrementa-se a utilização dos estabelecimentos termais, e indirectamente a da sua hotelaria, restauração e outras unidades locais de comércio e serviços. Trata-se aliás de programas que são também de turismo, não alheios à componente descanso, convívio, distracção, bem - estar psicológico.

Tanto como os Programas de Turismo Sénior, favorecem a criação de hábitos de férias fora de casa, o desenvolvimento

do turismo interno, regional e local, a melhoria da qualidade de vida da população sénior de baixos rendimentos, o incremento do turismo nas épocas de menor procura, a dinamização da actividade económica das regiões de destino, em particular das menos desenvolvidas, regiões interiores e insulares, justamente as mais interessadas em atrair estes novos fluxos, apesar do apertado controlo de custos, pelos preços negociados, e de se tratar de utentes com consumos modestos.

**7. As ofertas espanholas de turismo social dirigidas aos seniores.** No país vizinho, o IMSERSO, Instituto das Migrações e Serviços Sociais, com financiamentos do Ministério do Trabalho e Assuntos Sociais, também promove, desde meados dos anos 80, o acesso ao turismo das pessoas idosas, com o duplo objectivo: melhoria da sua qualidade de vida e atenuação da sazonalidade dos destinos, em que se relevam a Costa Mediterrânea, as Ilhas Baleares, as Canárias, o Interior de Espanha e também Ceuta.

Os seus programas têm a duração de 15 dias (14 noites), 8 dias (7 noites) quando as Canárias são o destino, e 6 dias (5 noites) no caso de circuitos culturais, pelas regiões do interior de Espanha; os preços são únicos mas reduzidos e variáveis com os destinos, em função dos custos dos transportes e da duração das estadas; a oferta é previamente repartida por províncias, sobretudo porque reduzida nos programas para as Canárias e o Interior, e os lugares são sorteados; o acesso pressupõe ter 65 e + anos, ser pensionista da Segurança Social, com qualquer idade, não ser portador de doenças infecto-contagiosas e manter autonomia física.

A sua oferta de turismo social para a terceira idade é completada com a de outros programas ao nível das regiões e dos Ayuntamientos. Tomemos como exemplo o programa de Turismo Interior Sénior da Região de Múrcia: residentes na região com 65 e + anos ou reformados de 60 e + anos, seus acompanhantes, e deficientes com grau de deficiência até 45 por cento; viagens durante a baixa estação e com a duração de 5 dias (4 noites); alojamento em hotéis e regime de pensão completa; transporte de ida e volta do lugar de residência ao de partida e chegada, Múrcia; excursão de um dia, almoço num parque natural, visita a um santuário e a um mercado semanal. Nos seus objectivos sublinha-se o possibilitar o acesso ao ócio e à qualidade de vida, o partilhar de ideias novas, fazer novos amigos,

experimentar, viver, lugares novos, no interior da região, sem esquecer o seu contributo de apoio da actividade turística na época baixa.

Noutros casos a escala é apenas municipal, como a oferta de Torrevieja para férias em lugares do litoral, como Benidorm, ou do interior, como Granada: o Ayuntamiento subsidia o programa em 65 por cento; a sua comercialização é feita, como habitualmente, através de agências de viagens, pela sua distribuição espacial e consequente acessibilidade aos potenciais utentes.

**8. Seniores e turismo social na UE.** A própria UE está atenta ao envelhecimento da população, aos seus usos dos tempos livres, à sua participação nos fluxos turísticos, sem esquecer a sua influência social, económica e política. Essa preocupação tem expressão na elaboração de políticas sociais específicas, visando favorecer a efectivação dos seus direitos, entre eles o direito aos lazeres e ao turismo, reconhecido como chave na integração social dos pós-activos em sociedades estruturadas em função do trabalho, mais ainda quando se faz com encontro de gerações e intercâmbio de memórias.

Na Europa o turismo tem vindo a beneficiar das modernas facilidades de deslocação com as auto-estradas, os charters e as low cost, que servem pequenos aeroportos regionais, dos laços criados pelas migrações de trabalho no sentido sul - norte, dos níveis crescentes e já elevados de educação, cultura e informação e da própria construção europeia, com as correspondentes facilidades de passagem das fronteiras e de permanência nos diversos estados-membros. Entre os seniores estas condições traduzem-se no avolumar dos fluxos de norte para sul, sobretudo fora do período estival.

O turismo, pela descoberta e conhecimento dos povos, das culturas, dos patrimónios e dos espaços, tem também um papel a considerar no reforço de uma identidade comum e da cidadania europeia, na própria coesão social e territorial. Funciona como um vector da integração comunitária, da construção da Europa! Nesta perspectiva, a Comissão Europeia previu para 2007 o programa Eneias, um programa piloto envolvendo várias regiões, sustentado por fundos comunitários, ou através de parcerias público - privado ou social, dirigido aos seniores, acessível a todos, e sustentável: intercâmbio e acolhimento de fluxos de turistas seniores europeus, com sentido norte-sul e

também com sentido inverso, a começar com o território espanhol; oportunidade de férias para potenciais turistas dos novos estados-membros com meios financeiros limitados e não compatíveis com os custos de férias estivais nos destinos mediterrâneos; fluxos inversos, de sul para norte, motivados pela neve, pelo termalismo, pelas cidades, pelos monumentos, pelos espectáculos, ou pelas compras; contributos para a sustentabilidade dos destinos afectados pela sazonalidade...

### **9. Práticas e lugares de turismo dos seniores.**

À diversidade das motivações centrais e das práticas turísticas dos seniores está associada a dos destinos, dos litorais de climas amenos, à beira mar ou à beira de lagos, às termas, montanhas, cidades patrimoniais, áreas naturais ricas e protegidas, tanto no turismo sénior doméstico como no turismo sénior internacional. Na verdade, os turistas seniores utilizam recursos e produtos também procurados por turistas de outros escalões etários, e nessa medida potencializam a diversidade da oferta. Fazem-no, porém, com ritmos e segundo vivências ajustadas às suas sensibilidades e vulnerabilidades, biológicas, culturais, económicas. Nos destinos mais procurados pelos seniores relevamos:

**«Rivieras» mediterrâneas: Côte d' Azur, Florida, Califórnia, Baixa Califórnia mexicana...** Destinos privilegiados para estadas turísticas de duração variável e mesmo para migrações sazonais (e permanentes, definitivas) das populações mais setentrionais, das áreas de Invernos longos, frios, húmidos e cinzentos, deprimidas, tristes, para quem o sol dos Invernos mediterrâneos é fonte de vida, de bem-estar, de prazer. Regiões setentrionais que constituem de há muito importantes áreas de geração e irradiação de fluxos de turismo e mercados não menos importantes de emissão de turismo sénior internacional, até pelo envelhecimento, nível de riqueza e propensão turística das respectivas populações, como a Alemanha, o Reino Unido, a França, o Benelux, os países alpinos e nórdicos. Lugares de férias meridionais que possibilitam convívios, espectáculo, festa, alegria, divertimento, jogo, no sentido de faz de conta, de ilusão, numa palavra animação, como Benidorm, destino de nacionais e de estrangeiros, um destino tornado habitual, familiar, pelos retornos frequentes e nas mesmas épocas.

***Estâncias termais.*** As deslocações turísticas de muitos seniores têm como motivação central cuidados de saúde na vertente do termalismo tradicional, de cura e prevenção da doença. As estâncias termais de eleição deverão estar localizadas em ambientes naturais e autênticos, preferencialmente do próprio país, sobretudo quando as estadas continuam a ser largamente beneficiárias da Segurança Social, como na Alemanha e na França. Note-se que as estadas de cura são prolongadas no tempo e repetidas ao longo do ano, ou pelo menos obedecem a uma certa regularidade anual. Os turistas termais são algo sedentários, já que condicionados pelos ritmos diários dos cuidados termais, o que favorece encontros e reencontros, vida social, convívios e distrações. Exemplifiquemos com Baden-Baden (ambiências e quotidianos descritos por Hermann Hesse no seu livro *O Aquista*), ou Marienbad, Curia, Vidago, Luso.

Muitos turistas seniores encaram os cuidados de saúde e bem-estar no sentido mais moderno do termo, que envolve a melhoria do bem-estar físico e psicológico, uma nova preocupação das sociedades pós-modernas. A oferta dos balneários ganha então uma nova sofisticação; nas estadas há lugar para dietas de emagrecimento, exercícios físicos, passeios a pé, terapias alternativas. Não faltam as valências do climatismo, do ecoturismo em sentido lato, das terapias orientais. Em certa medida, rivalizam com as ofertas das talassoterapias e dos spas dos modernos hotéis e resorts e mesmo de muitos cruzeiros de algum luxo.

***Destinos patrimoniais.*** A cultura constitui um dos recursos de há muito valorizados pelo turismo, em ligação estreita com a natureza elitista das suas primeiras fases. Com a democratização e a massificação intensificaram-se as deslocações para participação em eventos culturais: espectáculos, festivais, exposições, festas e jogos populares, romarias locais, e a itinerância cultural, na base de circuitos organizados em torno da visita a sítios de reconhecida riqueza cultural, nomeadamente visitas a museus de arte. Acresce o novo ecletismo cultural, que se traduz no alargamento dos objectos valorizados pelos turistas, em parte em relação com a afirmação de uma clientela mais feminina e mais velha: arqueologia e pré-história (dinossauros, pinturas rupestres de Foz Côa), história (Idanha a Velha, Conimbriga, Évora, Guimarães, etc.), tradição (aldeias históricas, aldeias de xisto, aldeias brancas, aldeias palafitas), artesanato...Mas

cada vez mais também a arqueologia industrial e mineira, velhos complexos industriais (New Lamark), velhos meios de transporte (comboios históricos/Douro), moinhos e azenhas, mercados e feiras de produtos locais e tradicionais, paisagens protegidas, jardins e parques, museus científicos e tecnológicos, empresas modernas, de vanguarda, e empresas específicas regionais (Vista Alegre; minas de sal gema, adegas das Quintas do Douro)...

**Espaços rurais e naturais.** Para muitos turistas seniores urbanos, de raízes e cultura cidadina, os espaços rurais atraem pelo ambiente natural, pelas paisagens, pela calma, pelas tradições, pelas rotinas, pelo convívio, pela hospitalidade das populações, pela «autenticidade» da cultura rural, pelo contacto personalizado com e as comunidades e até a participação em actividades, tradições e estilos de vida local, sem excluir estágios de aprendizagem, garantes de encontro e contacto com novas realidades e saberes (artesanato, culinária, doçaria, etc.). Para alguns outros as motivações de turismo rural cruzam com as de ecoturismo, um turismo consciente e ético, que valoriza a conservação dos ambientes naturais e a sustentação do bem-estar das populações locais. Um turismo que se traduz em visitas a parques naturais e a sítios protegidos, passando por uma hotelaria eco e ética, como para muitos casais com 50-65 anos, empty nesters ou seniores.

A corrente mais volumosa que procura os espaços rurais, muito embora não considerada nas estatísticas oficiais de turismo, diz respeito aos retornos frequentes e regulares das populações que emigraram para outras regiões do país ou para o estrangeiro, e também das segundas gerações, de visita a familiares ou para cuidar de patrimónios; são fluxos que animam as aldeias, tanto mais quanto mais prolongadas forem as estadas e mais agradáveis os seus quadros de vida, porque então também mais frequentes; quando os seus emigrantes que se fixaram longe envelhecem e passam a seniores pós activos, as visitas tornam-se bem mais frequentes e as estadas mais longas, pelo menos enquanto não decidem retornar definitivamente.

Os destinos rurais são também convidativos para muitos outros turistas seniores, sobretudo os seniores de raízes urbanas, os seniores mais jovens, os viajando com o cônjuge e de automóvel, pelos custos relativos das estadas, tendo em conta as diversas modalidades de serviços de hospedagem específicos (turismo de habitação, turismo

rural, agroturismo, casas de campo, turismo de aldeia, hotéis rurais) e a qualidade da restauração, quando centrada nos produtos locais e na sua gastronomia.

**10. Dos lugares de turismo aos novos lugares de residência dos seniores.** Alguns destinos combinam a atracção de turismo sénior com a de mudança de residência por parte dos seniores. Para muitos turistas a deslocação turística introduz não apenas uma certa mudança do quotidiano e o contacto com outros lugares, como a permanência e o conhecimento desses outros territórios e dos modos de vida das suas populações, segundo processos, ritmos e interesses pessoais, que escapam a qualquer organização rígida. Com as permanências longas e repetidas criam-se laços, familiaridades, sentidos de pertença, novos modos de habitar os lugares... Estes «habitares» induzem, na idade sénior, o turismo de cariz residencial, com alternância de residência ao longo do ano, e mesmo a migração definitiva das residências, as de férias passando a principais, as urbanas sendo vendidas para investimento na aquisição de habitação em lugares de eleição, por exemplo num movimento de heliotropismo ou simplesmente de valorização da agradabilidade destes outros lugares (ambiente natural e social, acessibilidades, animação e qualidade de vida).

Parece clara a relação entre conhecimento e fruição turística de um destino e escolha do mesmo nas decisões de migrar após a reforma, com fixação, em termos definitivos ou somente temporários e sazonais, sobrepondo-se a outros laços pessoais, familiares e afectivos, na continuidade das raízes: visitas turísticas, aquisição de residências de férias, ocupação prolongada destas durante as férias anuais e um pouco mais na continuidade da reforma; nalguns casos, passagem de residência de férias, alargadas e multiplicadas ao longo do ano, a residência permanente. Mais raramente, a preferência dos seniores é canalizada para sistemas de partilha da propriedade, na continuação de novas formas de *time-sharing*, com o direito de uso alargado da semana a meses, e dessa forma também com fidelização ao destino, se bem que menor do que nas situações de propriedade plena, em exclusividade.

Estas migrações são mais significativas e ganham muito maior amplitude entre os seniores sem quaisquer compromissos profissionais, realmente pós-activos. Exploram a mobilidade geográfica associada a alterações

nos percursos de vida e laborais, nuns casos migrações de carácter sazonal noutros migrações definitivas, nuns casos migrações internas e noutros migrações internacionais de seniores; em ambos, afluxos de gente de fora, de meia idade ou idosa, novas demografias e heterogeneidades, novos consumidores com tempos de estada longos, novas tendências de povoamento dos destinos. Criam-se novas comunidades, que se justapõem, mas que também revelam disponibilidades e possibilidades de intervenção voluntária na resolução dos problemas locais, de participação na governança, traduzidas na multiplicação de iniciativas de base local e voluntária, no reforço de novas formas de coesão, na qualificação do ambiente, dos quadros de vida e dos serviços, com destaque para os serviços de saúde, até pelo acentuar do envelhecimento do universo sénior.

Na perspectiva do turismo doméstico, a maior mobilidade geográfica, com as melhorias de transportes, nomeadamente as redes de camionagem expressos, muito flexíveis e de custo reduzido, favorece as visitas e estadas em casa de familiares e amigos, sobretudo para uma população urbana com raízes rurais vivas, o que mantém os lugares de êxodo como lugares de vida que permanecem familiares. A herança de patrimónios imobiliários reforça os laços, ao facilitar a posse de residências secundárias ocupadas repetidamente pelo menos nas férias e depois prolongadamente, uma vez alcançada a reforma: estadas múltiplas e longas, que podem evoluir para permanentes, em contextos de urbanização dos espaços rurais no sentido de generalização de infraestruturas e equipamentos, que garantam níveis suficientes de qualidade de vida.

Estes refluxos atenuam os impactos do êxodo, do envelhecimento endógeno e do despovoamento: acréscimos de habitantes, mesmo se idosos, consumos de bens e serviços comerciais diversos, ajustados aos correspondentes níveis das pensões de reforma, quase sempre baixos, se excluirmos alguns emigrantes, consumos que permitem a continuidade das ofertas, nalguns casos apenas em termos ambulantes e com periodicidades semanais; prática de alguma agricultura e criação animal de auto consumo familiar, mais raramente de complemento de rendimento, nas parcelas mais próximas e acessíveis e potencialmente mais férteis, e com elas, manutenção das paisagens rurais e dos ambientes humanizados do passado recente.

Quando as condições biológicas dos seniores se degradam e criam dependências acentuadas, alguns destinos rurais

poderão vir a funcionar como uma espécie de aldeias-lar, aldeias geriátricas: acolhimento de idosos nas habitações devolutas que existem em grande número nas pequenas comunidades, a recuperar e modernizar; como propriedade dos seniores ou de empresas especializadas no seu acolhimento, mais ou menos prolongado, e disponibilizando os diferentes serviços que aqueles procuram (manutenção da habitação, trabalhos domésticos, restauração, assistência múltipla e diversificada, dos transportes à animação e aos cuidados de saúde). As potencialidades parecem ser largamente condicionadas: climas amenos, paisagens naturais e verdejantes, patrimónios específicos, gastronomia reconhecida, lugares acessíveis, com alguma vida e bem dotados de serviços de saúde, nomeadamente de hospitais... «Alentejo prepara acolhimento a milhares de idosos europeus do centro e norte da Europa rica, nas aldeias abandonadas do interior e em particular da área da envolvente do Alqueva, com novas acessibilidades (aeroporto de Beja; novas auto-estradas; campos de golfe e resorts) (Público, 28 Junho 2007). Convém todavia não esquecer que os níveis mais elevados de envelhecimento estão justamente na Europa do Sul: Portugal, Grécia, Itália e Espanha, e em particular nas áreas mais repulsivas do interior rural, nomeadamente nas menos povoadas.

**11. Turistas seniores e sustentabilidade dos destinos.** O turismo constitui a principal ou uma das principais actividades económicas a nível mundial e de muitas regiões de destino. A procura turística incide nomeadamente na hotelaria, em formas complementares de alojamento, nas residências de férias, na restauração, nos serviços comerciais dirigidos às pessoas, e em alguns serviços específicos. Os efeitos directos fazem-se sentir como consumidores de bens, nomeadamente alimentares, e de certos serviços de base local: os turistas animam a restauração e o pequeno comércio a retalho, alimentar e de outros bens de consumo banal, como tabacarias, venda de revistas e jornais, de artigos de perfumaria e higiene, aluguer de automóveis sem condutor, transporte de táxi; compram alguns bens artesanais e tradicionais, considerados originais e típicos, desde que não volumosos e pesados e nem perecíveis; frequentam mercados e feiras, onde encontram os produtos locais que prezam; são muitos atraídos pelo *touring* na região, e por certas actividades desportivas como o ténis e o golfe; frequentam museus e espectáculos, etc.

Na continuidade, geram empregos de diferentes níveis e com qualificação crescente e estimulam a criação de empresas, privadas e também públicas ou mistas, que animam as comunidades que os acolhem, produzem riqueza e promovem o desenvolvimento local e regional, directamente mas também através dos seus efeitos induzidos e multiplicadores. Mas o turismo permanece, todavia, como uma actividade com ritmos desiguais ao longo do ano e mesmo ao longo da semana, na continuidade dos tempos livres e das férias. A sazonalidade do turismo não afecta apenas os destinos de actividades de lazer ao ar livre, mas o próprio turismo urbano (duração do período diurno, férias escolares).

Com grande disponibilidade de tempo livre e atraídos por produtos muito diversos, os seniores asseguram permanências mais longas e também mais frequentes e menos sazonais, em destinos muito variados. Pelas estadas de longa duração e em época baixa, pelas presenças durante os dias úteis e não apenas nos fins de semana, o turismo sénior, e mesmo o turismo social sénior, tende a ser encarado como motor precioso da sustentabilidade do desenvolvimento económico e social dos destinos: em particular dos de turismo estacional, os mais frágeis, como os de sol e praia e os de desportos da neve, e dos destinos localizados em regiões menos desenvolvidas e atractivas.

Este papel no desenvolvimento sustentável dos destinos foi reconhecido pela Carta de Lisboa do Turismo Sénior e por muitas entidades promotoras: valoriza-se o seu potencial de consumo, muito embora os turistas seniores se revelem menos consumistas e mais criteriosos nas compras do que o turista comum; e na continuidade, o seu contributo para a manutenção da actividade económica e a estabilidade do emprego, e com ela a qualidade profissional dos trabalhadores e a redução dos custos do trabalho, para além da redução dos custos sociais e institucionais do desemprego (volume de impostos; redução dos subsídios de desemprego).

Os seniores permitem, com efeito, um melhor aproveitamento anual do equipamento turístico, ao ocupá-lo nas épocas baixas; contrariam a sazonalidade da actividade turística, que prejudica a sua sustentabilidade, diminuindo lucros e receitas fiscais, subutilizando recursos humanos e equipamentos, e a economia local; asseguram uma procura com menores constrangimentos quanto a tempo e época do ano; contrariam a amplitude dos picos da frequência estival

e as correspondentes pressões sobre os equipamentos e infraestruturas, com sobrecarga das instalações, inflação dos preços, em contraste com os vazios nas estações intermédias e sobretudo nas estações baixas; diversificam as clientelas e os recursos de atracção das mesmas, ao encontro das suas motivações centrais dominantes (evasão, entretenimento, cultura, cuidados termais, alguma actividade desportiva, clima e paisagens, espaços rurais e naturais, biodiversidade). Assim sendo, o turismo sénior tem sido encarado como um mercado atractivo, expansivo e com interesse estratégico para a economia de certos destinos de eleição, como o são as regiões mediterrâneas, pela amenidade dos seus Invernos (Baleares, Andaluzia, Canárias, Algarve), tanto os fluxos domésticos como os internacionais.

**12. Perspectivas do turismo sénior.** As dimensões do mercado de turismo sénior, a médio e longo prazo, são crescentes. O universo sénior tem sido favorecido pelo aumento da esperança de vida, melhoria da saúde, melhor condição físico - psíquica, saídas precoces do mundo do trabalho, com o alargamento das reformas antecipadas, crescente mobilidade geral e democratização das deslocações de turismo. Os seniores afirmaram-se cada vez mais nos fluxos turísticos domésticos e internacionais, tendendo a tornar-se dominantes, sobretudo no turismo de massas, segundo pacotes pré - formatados. No caso português, o mercado doméstico de turismo sénior tem sido condicionado por uma fraca propensão para o turismo, por falta de experiência turística e pelo baixo nível de rendimentos disponíveis, menos para os emigrantes dos anos 60, já na idade sénior; por pressões nos sistemas de pensões e de segurança social, com introdução de limitações nos valores e nos benefícios, e sua tradução quanto a meios financeiros e às idades de reforma integral; pela crescente sensibilidade aos custos e desse modo aos preços, a favor das ofertas para grupos, nas épocas baixas, com redução das taxas de partida e opção condicionada dos produtos, das práticas e dos destinos, designadamente maior abertura ao excursionismo, já que não envolve custos de alojamento e permite reduzir a factura da restauração, e a programas de turismo e termalismo social; mas também preferência por retornos periódicos às terras de origem (êxodo rural tardio...) em detrimento de fluxos turísticos comerciais, na continuação de populações predominantemente

urbanas e suburbanas, pela residência e cada vez mais pela naturalidade, mas muitas ainda com suas raízes não urbanas nem regionais

O turismo dos seniores não corresponde, todavia, apenas a um nicho mas a um largo segmento de mercado, que conhece taxas de forte crescimento nas sociedades ocidentais, com expressão nos fluxos domésticos e internacionais, em paralelo com a intensificação do processo de envelhecimento demográfico, a democratização do turismo, o aumento da mobilidade geral da população idosa e a reprodução na velhice dos comportamentos turísticos enquanto adultos, na Europa e em particular na península ibérica, que mais interessa a Portugal enquanto destino de fluxos internacionais.

As taxas de crescimento anual do mercado internacional dos seniores, o melhor documentado, são claramente superiores às do turismo internacional no seu todo, representando na viragem do século cerca de 20 por cento das chegadas turísticas internacionais, e 30 por cento nos países da União Europeia, quando os seniores de 55 e + anos representavam apenas 27,3 por cento da sua população. Como lembra C. Ferreira (2004, p.196), referindo-se ao turismo sénior internacional que elege como destino o Algarve, «representando uma parcela menor do conjunto das deslocações turísticas da população idosa prefigura-se, a médio prazo, um forte incremento (...), quando as gerações que incorporaram plenamente a globalização do fenómeno turístico da segunda metade do século XX alcançarem a sua maturidade etária, beneficiando agora de melhoradas condições de deslocação ao estrangeiro e de experiência turística acumulada».

A dimensão e o significado do mercado de turismo sénior tenderão a crescer com o envelhecimento das estruturas demográficas das áreas emissoras. Na UE, a população de 50 e + anos representa cerca de 35 por cento, mas quase 37 por cento na Alemanha, 34 por cento no RU e 30 por cento na Escandinávia. As previsões do EUROSTAT para a UE 25 apontam o duplicar da população com 65 e + anos entre 1995 e 2050, passando de 15 por cento para cerca de 30 por cento. Em Portugal, em 2005, 17 por cento da população tinha 65 e mais anos, ao nível da média comunitária, valor que em 2050 passará para cerca de 32%, tal como na Alemanha, Eslovénia, República Checa, Áustria e Grécia, mas claramente abaixo da Itália (35%) e da Espanha (36 %). A Espanha será então o país mais

envelhecido da União Europeia, enquanto o Luxemburgo, a Holanda, a Dinamarca e a Suécia figurarão entre os menos envelhecidos, onde a população de 65 e +anos representará apenas 22 – 25%. Trata-se de projecções demográficas no cenário tendencial com base na fecundidade, mortalidade e migrações, mas não introduzindo efeitos de eventuais medidas que contrariem as tendências demográficas.

Estes envelhecimentos compreendem o envelhecimento na base, no seguimento da diminuição da natalidade, para taxas extremamente baixas, claramente abaixo da taxa de substituição natural; e o envelhecimento no topo, com reforço da quarta idade, no seguimento da melhoria dos rendimentos e dos cuidados de saúde e estilos de vida mais saudáveis, traduzidos na crescente esperança de vida. Na UE a esperança de vida ao nascer aumentou cerca de 8 anos desde 1960 e deverá aumentar mais 6 anos até meados do século: entre os homens era, em 2000, de 75, 3 anos e será em 2050 de 78, 5 anos, contra 82,4 (cerca de 80 em Portugal, contra cerca de 73 para os homens) e 85, 0 nas mulheres, ou seja, aumentará 3, 1 e 2,6 anos, respectivamente.

É certo que o envelhecimento crescente das estruturas demográficas terá impactos na economia e nos sistemas de reformas, mas não deixará de ser um envelhecimento cada vez mais saudável, acompanhado de melhor qualidade de vida: para já na UE, os homens vivem em média 10,1 anos de boa saúde e sem incapacidades e as mulheres 10, 7 anos, contra 8,4 e 7, 7 respectivamente para Portugal (com o terceiro valor do universo feminino mais baixo da UE15); de acordo com a ONU o número de centenários rondará então 2, 2 milhões, 15 vezes mais do que hoje. Será um envelhecimento marcado por feminização crescente, na continuação de mortalidades diferenciadas dos dois sexos, e por taxas de viuvez elevadas, muitas mulheres vivendo sós; alguns disporão de recursos limitados, na medida em que permaneceram domésticas ou ocuparam lugares secundários e mal remunerados, a que corresponderão pensões de reforma modestas.

Assim sendo, os turistas seniores, no geral, tenderão a ser não apenas mais numerosos mas também cada vez mais velhos, muitos com 75 e + anos, e do sexo feminino, no seguimento da manutenção do diferencial da esperança de vida dos dois sexos, o que terá expressão nas respectivas actividades de lazer e turismo. É certo que o crescimento da procura e a plena democratização do turismo entre os

seniores tenderão a ser contrariados pelo aumento da idade da reforma e o envelhecimento activo: alguns seniores desenvolverão trabalho independente, no seguimento de reformas antecipadas em contexto de taxas de desemprego elevadas, e da invenção de novas transições entre actividade e inactividade; outros assegurarão actividades não remuneradas ou como voluntários, que lhes ajudarão a manter a confiança e a autoestima, na certeza de que a vida activa previne e retarda o envelhecimento físico e mental; muitos outros fá-lo-ão para obtenção de rendimentos e desse modo com limitações quanto a férias e épocas de férias.

Os turistas seniores tenderão assim a ser mais activos, pelo retardar da idade da reforma, os trabalhadores devendo trabalhar mais tempo, e pelos incentivos à actividade para além da idade legal da reforma: nuns casos trabalho dependente a tempo parcial, noutros trabalho por conta própria, como antes entre os agricultores, sem esquecer o cuidar da família, dos mais velhos e dos netos...A sua capacidade económica dependerá da evolução do modelo de economia social de mercado, com a correspondente distribuição de riqueza, assim como de muitas incertezas no mercado do trabalho, que se traduzem em incertezas quanto a rendimentos disponíveis: flexibilidade das contratações a favor do trabalho temporário, sobretudo nos serviços e mais ainda no comércio a retalho, trabalho sazonal, trabalhos cada vez mais precários, trabalho a termo, desemprego de longa duração, desempregos dos jovens... No passado recente, os novos modelos sociais, cada vez mais moderados, têm marcando as sensibilidades nas tradicionais regiões europeias ricas e emissoras de turismo internacional.

As perspectivas são apenas moderadamente optimistas, se retivermos as opiniões da sondagem Eurobarómetro, dos finais de 2006: apenas 51 % dos europeus considera que o seu sistema de segurança social lhe assegura uma cobertura suficiente, 36 por cento estão particularmente preocupados com o desemprego, 35% com o custo de vida e 30 por cento com a reforma, 25 por cento sente-se ameaçado pela pobreza, 62 por cento admitem que qualquer um pode cair na pobreza num ou noutro período da sua vida, 64 por cento pensam que a vida dos seus filhos será mais difícil do que a da sua geração, situação mais grave no caso português, pelo abandono escolar precoce, grande défice de qualificação e dificuldades de inserção activa.

### Referências bibliográficas

- AGUILAR; Daniel Muñiz (2001), *La política de turismo social*, Junta de Andalucía, Consejería de Turismo y Deporte, Sevilla.
- CAVACO, C. (2006), «Regionalização do turismo em áreas rurais a partir da oferta», in *Turismo rural. Património, cultura e legislação*, edições Facos, UFSM; p. 63-106.
- CAVACO, C. (2006), «Práticas e lugares de turismo», in *Desenvolvimento e território. Espaços rurais pós-agrícolas e novos lugares de turismo e lazer*, CEG, Lisboa, p.299-362.
- CEDRU/INATEL (2001), *Programas Turismo Sénior e Saúde e Termalismo Sénior em Portugal, 1995-20000. Estudo de impacte socio-económico*, Lisboa.
- CTP, Confederação do Turismo Português/SaeR (2005), *Reinventando o turismo em Portugal. Estratégia de desenvolvimento turístico português no I Quartel do Século XXI*, Lisboa.
- CTP, Confederação do Turismo Português/IPI (2006), *Turismo de saúde e bem-estar. Termas, spas termais e talassoterapias*, 5 volumes, difusão restrita, Lisboa.
- CUNHA, Licínio (2006), *Economia e política do turismo*, Verbo, Lisboa.
- FERREIRA, C. (2006), *Portugal, destino turístico da população idosa europeia. Abordagem geográfica do turismo sénior internacional*, tese doutoramento na Universidade de Lisboa (2004), Turismo de Portugal, col. Temas de Turismo (2006), Lisboa.
- Instituto de Turismo de Itacaré, *Plano Itacaré 2015. Directrizes para o desenvolvimento turístico sustentável*, HVS Internacional, São Paulo/Brasil.